



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)
ISSN 2177-3688

GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento
Comunicação Oral

**O DIÁLOGO ENTRE A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E A
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NA COMUNIDADE CIENTÍFICA DA
ISKO-BRASIL¹²**

***THE DIALOGUE BETWEEN KNOWLEDGE ORGANIZATION AND
INFORMATION SCIENCE IN THE ISKO-BRASIL SCIENTIFIC
COMMUNITY***

Rodrigo de Sales, UFF
rodrigosaes@id.uff.br

Resumo: A organização do conhecimento, tradicionalmente considerada no Brasil como tema ou especialidade da Ciência da Informação, vem gradativamente ganhando contornos de espaço investigativo autônomo, especialmente no âmbito do Capítulo Brasileiro da *International Society for Knowledge Organization* (ISKO-Brasil). A relação entre a organização do conhecimento e a Ciência da Informação é, todavia, assunto que revela diferentes perspectivas na literatura internacional e nacional. É possível observar uma tradição que insere a organização do conhecimento como parte integrante da Ciência da Informação, ao mesmo tempo em que despontam abordagens que preferem entender a organização do conhecimento e a Ciência da Informação como áreas separadas. É justamente a relação entre a organização do conhecimento e a Ciência da Informação que o presente estudo se propôs a investigar. Nesse sentido o objetivo da pesquisa é investigar como a comunidade científica brasileira vem concebendo a organização do conhecimento e sua relação com a Ciência da Informação. O escopo da investigação está delimitado pelos trabalhos publicados nos Anais da ISKO-Brasil. A análise, a interpretação e o tratamento dos resultados estão respaldados metodologicamente pelas técnicas da Análise de Conteúdo, definidas por Laurence Bardin. Os resultados alcançados mostram que, para a comunidade investigada, embora a organização do conhecimento já desenhe sua autonomia territorial com relação à Ciência da Informação, aquela ainda guarda fundamental relação epistemológica com a esta última. Tal pesquisa pode contribuir para o aprofundamento do debate sobre a organização do conhecimento no Brasil e, principalmente, para a compreensão de como a comunidade científica do país a coloca em relação à Ciência da Informação.

Palavras-chave: Organização do conhecimento. Ciência da Informação. International Society for Knowledge Organization. ISKO-Brasil. Análise de conteúdo.

¹ O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

² Pesquisa desenvolvida com apoio do Edital Universal – MCTI/CNPq

Abstract: Knowledge organization, traditionally considered in Brazil as a theme or specialty of Information Science, has gradually become an autonomous space of investigation, especially amid the Brazilian Chapter of the *International Society for Knowledge Organization* (ISKO-Brasil). The relation between knowledge organization and Science information, however, is a subject that shows different perspectives in international and national literature. It is possible to observe a tradition that includes knowledge organization as an integral part of Science Information, but simultaneously new approaches that understand knowledge organization and Information Science as separate areas have risen. That is precisely the relation between knowledge organization and Information Science that this study aims to investigate. In this sense, this study's goal is to investigate how the Brazilian scientific community has understood knowledge organization and its relation with Science Information. The range of the investigation is defined by studies published in the proceedings of ISKO-Brasil. The analysis, interpretation and treatment of results are supported methodologically by the Content Analysis technique defined by Laurence Bardin. The results obtained show that for the researched community, although knowledge organization already begins to show its territorial autonomy regarding Information Science, it still maintains a fundamental epistemological relation with the latter. This study can contribute to deepen the debate on knowledge organization in Brazil and mainly to understand how the scientific community in the country regards it in relation to Information Science.

Keywords: Knowledge organization. Information Science. International Society for Knowledge Organization. ISKO-Brazil. Content analysis.

1 INTRODUÇÃO

Incontáveis são as possibilidades de compreensão a respeito do conceito de organização do conhecimento, afinal, o que haveria de mais interdisciplinar que o ato de organizar o conhecimento? Os estudos que versam sobre esse assunto, nem sempre deixam claro a respeito de qual organização do conhecimento estão tratando, o que pode ocasionar confusões de ordem conceitual, na medida em que este fenômeno pode ser objeto das mais diversas áreas, como a Filosofia, a Educação, a Psicologia, a Ciência da Informação, a Ciência Cognitiva entre outras. Nesse sentido, esclarece-se que a organização do conhecimento aqui investigada se refere àquela desenvolvida pelos pesquisadores que integram os fóruns da *International Society for Knowledge Organization* (ISKO) que, no caso específico do Brasil, estão de algum modo, direta ou indiretamente, ligados à Ciência da Informação.

A organização da informação foi mote da Ciência da Informação desde seu princípio, uma vez que o problema a ser resolvido por esta última, como já afirmava Saracevic (1996), era a questão da recuperação da informação, portanto, a informação organizada se tornava imprescindível. Se a relação que a organização da informação guarda com as atividades atinentes à Ciência da Informação parece óbvia, o mesmo não parece ocorrer com igual tranquilidade quando o assunto é a organização do conhecimento, especialmente nos estudos desenvolvidos no âmbito da *International Society for Knowledge Organization* (ISKO). Definir o conceito de organização da informação parece ser tarefa menos árdua que definir organização do conhecimento. Para Guimarães (2008), a organização da informação,

enquanto área de estudo que integra a Ciência da Informação, consiste em um dos espaços investigativos dessa ciência, possuindo natureza mediadora na medida em que propicia a interlocução entre os contextos de produção e uso da informação. Para Bräscher e Café (2010), a organização da informação se relaciona com as atividades e processos atinentes à organização material da informação, ou seja, atinentes à organização dos itens informacionais nas unidades de informação.

Enquanto as definições que conceituam a organização da informação evidenciam uma articulação fundamental desta com as práticas desenvolvidas pela Biblioteconomia e pela Ciência da Informação, os esforços conceituais para se compreender a organização do conhecimento revelam diferentes pontos de vista. Segundo Bräscher e Café (2010), a organização do conhecimento, inserida também no âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, diz respeito à organização e à sistematização cognitiva do conhecimento, à organização dos conceitos, bem como à construção de sistemas de organização do conhecimento.

Embora as autoras supracitadas coloquem a organização do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação, assim como o faz a organização dos grupos de trabalhos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), outras definições parecem afastar essa relação de pertencimento, onde a organização do conhecimento não figuraria como algo dentro da Ciência da Informação. As concepções mais explícitas em que a organização do conhecimento não se submete à Ciência da Informação podem ser encontradas nos trabalhos de Dahlberg (1993, 1995, 2006 e 2014) e de Hjørland (2008). Esses autores, pesquisadores centrais da ISKO, embora não sejam os únicos, são os que mais evidentemente buscam atribuir à organização do conhecimento certa autonomia, seja enquanto disciplina, enquanto campo de estudo ou, ainda, enquanto nova ciência.

A proposta desta pesquisa não é discutir ou teorizar acerca do que é uma “ciência”, um “campo” ou uma “disciplina”, mas sim explorar esse desprendimento ou transbordamento da organização do conhecimento (OC) com relação à Ciência da Informação (CI). A ideia é compreender se essa visão que aborda OC e CI como duas áreas separadas se manifesta na realidade científica brasileira.

Desse modo, com o intuito de trazer à luz alguns resultados que podem contribuir para um entendimento mais preciso a esse respeito, buscou-se, como objetivo, investigar como a comunidade científica brasileira vem concebendo a organização do conhecimento e sua relação com a Ciência da Informação.

Para tanto, empregou-se técnicas de Análise de Conteúdo, definidas por Laurence Bardin, para analisar e interpretar os trabalhos publicados no âmbito de um dos principais fóruns de debate sobre organização do conhecimento no Brasil: o Capítulo Brasileiro da ISKO.

2 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA *INTERNATIONAL SOCIETY FOR KNOWLEDGE ORGANIZATION* (ISKO)

Na primeira década do século XXI, os estudos publicados em âmbito internacional, desenvolvidos pelos pesquisadores da ISKO, revelam a predominância de uma perspectiva que define a organização do conhecimento (OC) como um “fazer” de natureza “operacional” (GARCIA; OLIVEIRA; LUZ, 2000; GREEN, 2002; GÁRCIA GUTIÉRREZ, 2002), cujos objetos de investigação são, principalmente, os conceitos e as estruturas conceituais (KENT, 2000; GREEN, 2002; OHLY, 2008, SMIRAGLIA, 2010), formalizadas instrumentalmente nos sistemas de organização do conhecimento, tais como os sistemas de classificação, os tesouros e as ontologias (ALBRECHTSEN, 1990; KENT, 2000; GREEN, 2002; ZHEREBCHEVSKY, 2010; SOUZA; TUDHOPE; ALMEIDA, 2010). Nesse sentido, percebemos uma organização do conhecimento ligada, em grande medida, às atividades (práticas e intelectuais) atinentes à Ciência da Informação e à Biblioteconomia, mais especificamente àquilo que se pode chamar de Tratamento Temático da Informação (FOSKETT, 1973).

Tocante à natureza da organização do conhecimento, Hjørland (2008), baseado na concepção de *narrow meaning* da organização do conhecimento, afirma que, embora diga respeito às atividades operacionais desempenhadas por bibliotecas, arquivos e bases de dados, a organização do conhecimento consiste em um “campo de estudo” preocupado com a natureza e com a qualidade dos processos e dos sistemas de organização do conhecimento. *Campo de estudo* foi também o termo utilizado por Dahlberg (1993) ao se referir à natureza da organização do conhecimento em seu artigo *Knowledge Organization: its scope and possibilities*. Essa ótica de organização do conhecimento enquanto campo de estudo é, de certa forma, reforçada por alguns artigos publicados no 12º Capítulo Internacional da ISKO, tais como encontrado em Ohly (2012), Guimarães, Oliveira e Gracio (2012) e Barros e Moraes (2012).

Revelam-se, de antemão, pelo menos duas perspectivas no que diz respeito à natureza da organização do conhecimento (OC): a OC enquanto um fazer operacional, atinente às atividades próprias das unidades de informação e, a OC enquanto campo de estudo,

preocupado com o desenvolvimento teórico, metodológico, instrumental e prático da organização do conhecimento. No entanto, perceber-se-á, mais adiante, que as diferentes perspectivas a respeito da OC (diferentes, mas não excludentes) ajudam a compor sua própria compreensão teórica. Nesse sentido, é necessário explicitar algumas perspectivas que vêm, nas últimas décadas, tentando consolidar a concepção de que a OC se caracteriza como um espaço investigativo autônomo.

2.1 UMA SÍNTESE DA PERSPECTIVA DE DAHLBERG

A fundação da *International Society for Knowledge Organization* em 1989, liderada por Dahlberg, após sua saída da *Society for Classification*, e, a mudança do nome do periódico *International Classification* para *Knowledge Organization Journal*, em 1993, são acontecimentos que dão uma ideia do quão indissociavelmente ligadas estavam a organização do conhecimento e o universo das classificações nos debates da década de 1990. Não por acaso, ao desenvolver o artigo *Knowledge Organization: its scope and possibilities*, de 1993, um marco para o início da formação de seu discurso de organização do conhecimento, Dahlberg apresentou uma tabela de classificação que hierarquizava e relacionava os assuntos tratados no âmbito da literatura de organização do conhecimento – *Classification System for Knowledge Organization Literature*.

Além da fundamentada presença da classificação como cerne da discussão de Dahlberg, é igualmente flagrante o espaço de destaque que a construção de tesouros ocupa entre os assuntos tratados pela então “nova” organização do conhecimento (OC). Ao mesmo tempo em que Dahlberg (1995) disserta a respeito das tendências da OC, onde lançou mão da expressão “classificação reconsiderada”, a autora coloca de igual importância a contribuição teórica e metodológica que os tesouros trouxeram para o desenvolvimento da OC, chegando a empregar o termo “o período dos tesouros”, ao discorrer sobre informações históricas.

Quando da fundação da ISKO, as discussões em torno de qual seria o termo mais apropriado para denominar este novo espaço investigativo aventaram pelo menos duas possibilidades: *knowledge order* (ordem do conhecimento), em equivalência ao termo *classification*, e *knowledge organization*, cuja composição *organization of knowledge* já havia sido adotada por Henry Evelyn Bliss em publicações datadas de 1929 e 1933 (DAHLBERG, 2006). Por se tratar de uma sociedade internacional, as traduções para a língua inglesa foram definitivas para a decisão do termo preferido. Segundo Dahlberg (2006), a combinação do termo *knowledge* com o termo *order* poderia causar confusão se associado ao verbo *to order*

(pedir). Assim, torna-se flagrante a ligação “umbilical” que a OC desenvolvida pela ISKO tem com o universo científico das classificações.

Dahlberg (1993), reclamava por uma OC que efetivamente consistisse em um campo que pudesse lidar com questões atinentes às mais variadas possibilidades de conhecimento, provenientes das mais diversas áreas. Dessa forma, fazia-se necessário expandir a perspectiva, até então preferencialmente abordada por bibliotecários e profissionais da informação, para “qualquer pessoa disposta a adotar um modo mais consistente de vida e de estudos” (DAHLBERG, 1993, p. 212. Tradução livre), incluindo aí estudantes e pesquisadores ligados à Educação e pessoas relacionadas a lideranças políticas e sociais. As preocupações de caráter terminológico e ontológico, também presentes no pensamento de Dahlberg, tomaram de empréstimo contribuições advindas da Terminologia e da Filosofia.

Segundo Murguia e Sales (2013), além da definição de uma classificação para a OC e do estabelecimento das possibilidades de atuação do campo, outro esforço de legitimar um discurso para uma OC enquanto área autônoma, flagrante no pensamento de Dahlberg, é a postulação de dez medidas visando à profissionalização do campo que a autora propõe aos seus colegas de ISKO (ver DAHLBERG, 1993).

As investidas de formalização e consolidação da OC vinham acompanhadas de uma postura notadamente teórica. Influenciada pelos termos *organization of knowledge*, de Evelyn Bliss (1929, 1933) e, *organization of knowledge and documentation*, de Dagobert Soergel (na década de 1970), a organização do conhecimento passou a ser estudada por Dahlberg a partir de sua dissertação, intitulada *Foundations of Universal Organization of Knowledge*, publicada em 1973 (DAHLBERG, 1993, 1995).

Para a autora, a organização do conhecimento é, sobretudo, uma organização de unidades de conhecimento, ou seja, uma organização de conceitos. A afirmação de Dahlberg (1978, 1995) de que as unidades de conhecimento, ou melhor, os conceitos, são enunciados essenciais e verdadeiros a respeito de algum objeto referente e sua síntese formalizada por alguma designação (codificada ou verbal), foi amplamente aceita e difundida na comunidade internacional da OC.

Vale destacar que, diferentemente de Bliss, cujo foco estava direcionado ao desenvolvimento da classificação como resolução dos problemas teóricos e práticos da organização de bibliotecas, Dahlberg expandiu tais preocupações para outras áreas, fazendo uso dos princípios da classificação e da teoria do conceito para solucionar e discutir problemas típicos de um campo de estudo maior, não restrito ao ambiente biblioteconômico,

como propunha Bliss. Talvez, essa tenha sido a mola propulsora para a instauração de um possível novo campo.

No artigo intitulado *Knowledge Organization: a New Science?*, de 2006, Dahlberg novamente apresenta uma real intenção de abordar a OC como um espaço autônomo e mais abrangente que aquele tradicionalmente ligado às bibliotecas e unidades de informação. Desta feita, Dahlberg (2006) prefere o termo “disciplina científica”. A autora procura imprimir sua ideia de OC, enquanto “nova” disciplina científica, apresentando possíveis objetos, métodos e atividades da organização do conhecimento, bem como assuntos específicos da área. Neste artigo, Dahlberg (2006) chega a propor que se encontre uma instituição de trabalho formada por cientistas, organizadores do conhecimento e terminologistas dedicados à coleção, à definição e à sistematização de conceitos de todos os campos de assuntos. A autora localiza, dentro de um sistema universal das ciências, a OC como um subcampo da Ciência da Ciência. No mesmo artigo, a autora esboça a OC como uma possível nova ciência. A autora lança mão de distinções feitas por Alwin Diemer para arriscar tratar a OC como uma ciência que possui objetos, métodos, ações e conteúdos próprios.

Em uma comunicação posterior, Dahlberg (2014) reafirma as ideias acima mencionadas e enfatiza ser necessário retirar a OC da Biblioteconomia e da Documentação para acomodá-la dentro da Ciência da Ciência, e, também, para outros domínios que lidam com insumos taxonômicos, tais como Zoologia, Botânica e Microbiologia. Em 2014, Dahlberg volta a reclamar pela formação de um instituto ou academia para a OC, com cientistas e especialistas engajados em um trabalho conjunto que poderia dar frutíferos resultados para o desenvolvimento da OC e da ciência como um todo. Em ambos os artigos, Dahlberg (2006, 2014) sequer faz menção à Ciência da Informação (CI), deixando claro sua perspectiva de organização do conhecimento autônoma e independente, completamente desvinculada da CI. Para a autora, a OC definitivamente não deve estar conectada somente às ciências ligadas à informação, mas, sim, à ciência ligada a todos os campos do saber - a ciência da ciência.

2.2 UMA SÍNTESE DA PERSPECTIVA DE HJORLAND

Prosseguindo nos primeiros anos do século XXI, Hjørland (2003; 2008) trouxe ao debate da OC a distinção entre a organização intelectual (cognitiva) do conhecimento e a organização social do conhecimento. Relativo à perspectiva cognitiva (*narrow meaning*), Hjørland (2003, 2008) afirmava se tratar da organização do conhecimento abordada, especialmente, pela Biblioteconomia e pela Ciência da Informação, cujo foco recaía nos

estudos atinentes aos processos e às construções instrumentais de OC, tais como descrição de documentos, classificação e indexação.

Para o autor, a organização cognitiva do conhecimento consiste em um campo de estudo preocupado com a natureza e com a qualidade dos processos, instrumentos e produtos desenvolvidos pelas atividades técnicas e específicas desempenhadas pelas bibliotecas, arquivos e bases de dados. Além do amparo teórico próprio dos estudos de classificação, Hjørland (2008) faz referência também às contribuições teóricas provenientes da recuperação da informação (e as implicações tecnológicas vinculadas a esse assunto), da bibliometria e da análise de domínio.

Por organização social do conhecimento, ou “*broader meaning*”, Hjørland (2003, 2008) afirma se tratar da divisão social do labor mental, concretizada nas organizações e categorizações das profissões e das disciplinas, como, por exemplo, a organização dos currículos universitários, que dividem e relacionam as diferentes disciplinas e, as tabelas que classificam formalmente as ocupações profissionais de um país, como a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), por exemplo. Para o autor, as tradicionais classificações de bibliotecas, como a Classificação Decimal de Dewey, são verdadeiras organizações sociais do conhecimento, uma vez que estruturam suas formas de representação do conhecimento por meio da divisão e do relacionamento entre as disciplinas.

Tocante à interdisciplinaridade da OC, a exemplo de Dahlberg (1993), que propôs a aproximação da organização do conhecimento com as áreas sociais (educação, política, indústria e sociologia), Hjørland (2008) ressalta não ser a OC um fenômeno exclusivo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, mas também de domínios como a Computação, a Linguística e o Processamento de Linguagem Natural, a Teoria do Conhecimento e a Teoria da Organização Social. Ademais, o autor menciona que também é interesse de outros campos a definição de questões referentes à organização do conhecimento, tais como a Sociologia do Conhecimento e a Metafísica/Ontologia.

A delimitação do objeto de estudo da OC também foi foco de preocupação para Hjørland (2008). O autor apresentou uma distinção relativa a alguns conceitos que podem ser considerados unidades de estudo da OC. Para a Ciência da Informação as unidades seriam os documentos, incluindo aí livros, artigos, documentos arquivístico, objetos de museus etc., notadamente tratados por bibliotecários, arquivistas, documentalistas e demais profissionais da informação. Para os cientistas da computação, por sua vez, as unidades a serem observadas seriam as informações passíveis de serem armazenadas e recuperadas em sistemas computadorizados (HJORLAND, 2008). Para o autor, no campo da OC, a unidade estudada

podia ser considerada o “conhecimento enquanto um consenso estabelecido”, conforme acreditava Evelyn Bliss ou, o “conceito”, na perspectiva de que tratam de verdadeiras unidades de conhecimento, como defendia Dahlberg.

Hjorland (2008) parece revelar a existência de diferentes óticas dentro da própria OC, uma promovida pelo pessoal da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, outra pelos informáticos e, ainda, uma perspectiva alavancada pelos pensadores, convencionalmente, assentados no chamado campo da *Knowledge Organization*.

A literatura que busca consolidar a OC como um campo de estudo autônomo se manifesta em pelo menos dois momentos fundamentais: um primeiro momento conduzido pelas ideias de Dahlberg, que marcou a última década do século XX, instaurando e institucionalizando a OC como área investigativa independente e; um segundo momento que, liderado por Hjorland, sobretudo na primeira década do século XXI, dedicou-se a reforçar o discurso da OC como um campo de estudo interdisciplinar e autônomo. Nesse sentido, é possível afirmar que, no âmbito internacional, a OC ganhou contornos científicos após a criação ISKO e delimitou seu território lançando um olhar teórico para resolver questões fundamentais de organização de saberes por meio da classificação sistemática do conhecimento, seja numa esfera mais específica (organização cognitiva), seja numa esfera mais abrangente (organização social).

É possível afirmar que a literatura da área, especialmente no Brasil, está longe de um consenso a respeito da efetiva ligação epistemológica entre Ciência da Informação (CI) e organização do conhecimento (OC). Ora se evidencia uma tradição, própria da CI, que prefere abordar a OC como fundamentalmente discutida no âmbito do tratamento temático da informação, que se caracterizaria como um espaço investigativo pertencente à CI, respaldada, por exemplo, pelos estudos de Foskett (1973); ora se encontra uma perspectiva que desmonta essa relação de pertencimento, alegando que a CI seria uma das disciplinas centrais para apenas solucionar parte da OC, notadamente, a organização cognitiva do conhecimento, de Hjorland, e; ainda, uma outra abordagem concedida por Dahlberg, que busca desvincular definitivamente a OC da CI, especulando ser aquela uma nova ciência.

Dado que o objetivo desta pesquisa é a compreensão de como a comunidade científica da ISKO-Brasil relaciona a OC com a CI, e, apresentadas as três formar distintas destacadas por este estudo para se relacionar ambas as áreas, parte-se para a contextualização da realidade brasileira no desenvolvimento científico da OC.

3 O CONTEXTO BRASILEIRO: ISKO-Brasil

Inicialmente, os estudos sobre organização do conhecimento no Brasil encontraram lugar e visibilidade no âmbito do Grupo de Trabalho *GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento*, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). Os grupos de trabalhos da ANCIB representam grandes temáticas especializadas estudadas na área da Ciência da Informação.

Embora as pesquisas relativas à representação e organização do conhecimento, tais como aquelas relacionadas à catalogação, à classificação, à indexação e à recuperação da informação, já estivessem presentes nos estudos da área da Ciência da Informação no Brasil desde sua institucionalização na década de 1970, no âmbito do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), foi por meio das pesquisas apresentadas no GT 2 da ANCIB (nos ENANCIBs) que professores e pesquisadores puderam alavancar e fortalecer o desenvolvimento da organização do conhecimento enquanto tema especializado da Ciência da Informação.

Assim, é possível afirmar que no Brasil a organização do conhecimento caracterizou-se inicialmente como tema, ou subcampo, da Ciência da Informação, uma vez que, além de nomear um dos GTs da ANCIB, a organização do conhecimento era, e ainda é, estudada predominantemente pelos pesquisadores da Ciência da Informação, que a refletem e a discutem dentro e a partir dos espaços próprios da Ciência da Informação (CI).

Nos ENANCIBs de 2005, 2006 e 2007, por iniciativa dos pesquisadores do GT 2, foi discutida e definida a criação do Capítulo Brasileiro da ISKO, oficialmente instalado pela aprovação de seu estatuto durante a realização do VIII ENANCIB, de Salvador, em 2007 (ISKO-BRASIL, 2014). Os objetivos definidos pela ISKO-Brasil foram delimitados nos seguintes termos: a) promover a pesquisa, o desenvolvimento e aplicações de sistemas de organização conceituais do conhecimento que promovam o estudo dos aspectos filosóficos e semânticos da estrutura do conhecimento; b) proporcionar os meios de comunicação e redes em organização do conhecimento para os seus associados, e; c) funcionar como ponto de rede entre instituições nacionais e internacionais que trabalham com questões relacionadas à organização conceitual e à dinâmica do conhecimento (Ibdem).

Após sua criação, a ISKO-Brasil realizou, até o momento, duas edições do Capítulo Brasileiro da ISKO, intitulados I e II Congresso Brasileiro em Organização e Representação do Conhecimento, realizados, respectivamente, em Brasília (em 2011) e no Rio de Janeiro (em 2013). A terceira edição do Capítulo Brasileiro da ISKO será realizada neste ano de 2015 na cidade de Marília, no Estado de São Paulo. Nesses congressos foram apresentados

trabalhos e conferências de pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, dedicados ao desenvolvimento teórico, metodológico e prático da OC. Embora recente, o Capítulo Brasileiro já figura como um dos maiores capítulos da ISKO no âmbito internacional, e vem se consolidando como o principal fórum de debates relativos à OC no país.

Nesse contexto, pode-se afirmar que a pesquisa em OC desenvolvida pela comunidade científica brasileira atualmente encontra espaços de interlocução nos âmbitos do GT 2 da ANCIB e dos Congressos da ISKO-Brasil.

Conforme abordado anteriormente, existem diferentes óticas para se compreender e discutir a organização do conhecimento, o que revela diferentes formas de entender a relação que existe entre a OC e a CI. Três são as perspectivas destacadas neste estudo:

- *Perspectiva 1:* evidencia a intenção de independência enquanto disciplina científica, posicionando-se como um subcampo de uma Ciência da Ciência. Quando Dahlberg (1993, 1995, 2006) procura definir o objeto, as atividades, os métodos, as metas dos pesquisadores, a classificação dos assuntos tratados, a criação de uma sociedade internacional, bem como quando lança mão de termos como “organizador do conhecimento”, ao se referir aos pesquisadores comprometidos com a OC, “campo de estudo” ou “disciplina científica”, ao se referir ao espaço conquistado pela pesquisa da OC, fornece indícios da intencionalidade de tratar a OC como campo ou disciplina independente;
- *Perspectiva 2:* vale-se de assuntos próprios da CI para resolver apenas parte da OC, mais especificamente, a parte relativa à organização cognitiva do conhecimento, como aqueles assuntos que dizem respeito às unidades de informação. Essa perspectiva coloca a CI em diálogo com a OC, não destacando nenhuma relação de pertencimento. Hjørland (2008), principal incentivador dessa perspectiva, com uma visão notadamente epistemológica, parece querer desmontar a relação de pertencimento em que a OC figura como um tema ou um subcampo da CI.
- *Perspectiva 3:* aborda a OC como um espaço investigativo preocupado com o desenvolvimento de teorias, métodos e práticas mediadoras que ligam os contextos de produção e de uso da informação, marcadamente inserido na CI. Essa perspectiva tradicionalmente coloca a OC como parte integrante da CI e parece não buscar independência, mas contribuir para o espaço central da CI. Essa abordagem encontra apoio na tradição que coloca a OC em diálogo direto com o tratamento temático da informação, desenvolvido no e para o ambiente informacional. A organização estrutural dos GTs da ANCIB corrobora com essa perspectiva, uma vez que a

organização do conhecimento figura como um dos grupos de trabalho inseridos na Ciência da Informação.

Essas três visões distintas a respeito da OC revelam uma preocupação no que se refere à falta de convergências de pensamentos quando o assunto é a relação existente entre a OC e a CI. Se por um lado se observa a tradição de tratar a OC como um tema ou um subcampo da CI (*perspectiva 3*), por outro, verifica-se a abordagem de uma OC autônoma, cuja relação com a CI sequer é mencionada, e seu discurso de fortalece na ideia de que a OC é uma disciplina científica independente (*perspectiva 1*) ou, ainda, uma ótica que visualiza uma interseção entre ambas as áreas para solucionar especificidades da OC (*perspectiva 2*). Essas três perspectivas servirão de variáveis de inferência para a análise que se segue.

4 A ANÁLISE DO CONTEXTO BRASILEIRO: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A Análise de Conteúdo é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2003, p. 38. Tradução livre).

A Análise de Conteúdo é caracterizada por três fases: a) pré-análise; b) exploração do material; c) tratamento dos resultados, inferências e interpretações.

A fase da pré-análise é a fase da organização, que visa operacionalizar e sistematizar as primeiras ideias. Esta fase auxilia a elaboração de um plano de análise que conduzirá o desenvolvimento das operações. A pré-análise possui três missões principais: a escolha dos documentos que serão submetidos à análise, caracterizada pela construção de um *corpus de análise*, a formulação de hipóteses e objetivos, e a elaboração de indicadores fundamentais à interpretação dos resultados.

A escolha dos documentos consiste na delimitação do universo de investigação (tipos de documentos a serem utilizados). O universo da presente pesquisa é formado pelos textos publicados nos Anais dos Capítulos Brasileiros da ISKO realizados até hoje, respectivamente em 2011 e 2013.

Definido o universo da investigação, o passo seguinte foi a criação do corpus de análise, que consisti no conjunto dos documentos (textos) que efetivamente são submetidos à análise. Para a criação do corpus foram consideradas as quatro regras definidas por Bardin (2003): a) regra da exaustividade, b) regra da representatividade; c) regra de homogeneidade e; d) regra de pertinência.

Como o interesse desta pesquisa se refere ao pensamento da comunidade brasileira de OC, o escopo para a formação do corpus de análise foi definido por todos os textos publicados por pesquisadores brasileiros nos Anais da ISKO-Brasil. Portanto, em um universo de 86 publicações, contando que 19 delas são de autoria estrangeira, o corpus de análise ficou definido em 67 publicações de autoria brasileira. Cabe ressaltar que, embora todas as 67 publicações tenham sido analisadas, nem todas fazem menção aos aspectos relativos à natureza ou à relação da OC com a CI, não figurando, assim, nos resultados da análise. Entraram definitivamente na análise apresentada a seguir somente os textos que em algum momento se referem à natureza e/ou à relação da OC com a CI, que totalizaram *20 textos*. Ou seja, dos 67 textos que foram analisados, somente 20 (29,8%) mencionaram alguma informação a respeito da natureza da OC e/ou a respeito da relação entre OC e CI.

Na fase destinada à formulação das *hipóteses*, Bardin (2003) ressalta que não há a necessidade de se criar um corpus de hipóteses previamente, pois a formulação dessas hipóteses muitas vezes consiste em explicitar direções para a análise, que se manifestam durante o processo investigativo (hipóteses implícitas). Neste caso, optou-se por trabalhar com hipóteses implícitas que se manifestaram no decorrer da análise, principalmente na fase de exploração do material.

A fase de elaboração dos *índices e indicadores* consiste na eleição de elementos (conceitos) que melhor explicitam o conteúdo de acordo com os objetivos da análise. À referida fase compete a função de indicar quais são esses índices, e organizá-los sistematicamente com indicadores (frequência, em caso de análise quantitativa, e, presença, em caso de análise qualitativa).

Os índices da análise foram definidos a partir do contato direto com os trabalhos analisados e, os indicadores foram a presença de tais índices nos respectivos trabalhos, visto se tratar de uma análise qualitativa. Os índices foram os termos *Organização do Conhecimento e Ciência da Informação*.

Como medida de classificação dos dados levantados, Bardin (2003) sugere o processo de *categorização*, que consiste no agrupamento em classes dos elementos (conceitos) convergentes em suas características. As categorias definidas foram: *Natureza da OC e Relação entre OC e CI*.

Para organizar a análise das informações extraídas dos textos, cada categoria foi orientada por variáveis de inferência, que permitiram investigar mais a fundo as ideias apresentadas pelos autores dos textos.

Seguindo o objetivo deste trabalho (que é o de entender como os pesquisadores brasileiros compreendem a relação entre a OC e a CI), foi necessário, primeiramente observar como os autores definem a natureza da OC. Assim, as variáveis de inferências para a categoria *Natureza da OC* foram: 1 - *território científico*; 2 - *ação*; 3 - *assunto* e; 4 - *ciência*. Ou seja, quantos e quais autores consideram que a OC é um *território científico*, como, por exemplo, um campo, uma disciplina, um espaço investigativo, um domínio ou uma área de estudo. A junção de todos esses termos em uma mesma variável não significa considerá-los como de conceitos iguais, mas, tão somente, uma técnica de agrupamento de concepções que apresentam características semelhantes. Neste primeiro caso, respeitando os termos utilizados pelos próprios autores, que ora chamam a OC de campo de estudo, ora chamam de disciplina ou, ainda, de domínio, procurou-se preservar aquilo que há de comum entre os termos adotados, ou seja, a questão territorial (a OC como um território científico). O mesmo se aplica à definição das demais variáveis: *ação* – a OC vista como um processo, um conjunto de práticas ou, ainda, como uma atividade; *assunto* – para aqueles que a considera como um tema, ou uma linha de pesquisa ou, ainda, como um objeto de estudo. A última das variáveis desta categoria parece ser a mais óbvia, *ciência*, para aqueles que consideram a OC como uma nova ciência.

O próximo passo foi definir as variáveis que permitiriam mais bem organizar e compreender as informações relativas a segunda categoria, *Relação entre OC e CI*:

- Variável 1 - a OC como um território científico autônomo e sem relação com a CI;
- Variável 2 - a OC como um território científico autônomo, mas que se relaciona com a CI;
- Variável 3 - a OC como tema próprio da CI, ou seja, a OC como uma subárea da CI.

Observados os princípios e regras descritos até aqui, partiu-se para a realização da *exploração do material* que, no estudo presente, consistiu no processo de leitura dos textos que compõem o corpus, visando à extração dos elementos necessários para analisar as variáveis acima descritas.

5 RESULTADOS DA ANÁLISE E DISCUSSÃO

O Quadro I apresenta o resultado da análise realizada, buscando relacionar os autores dos textos com as perspectivas por eles empregadas. Desse modo, acredita-se ser possível interpretar ou inferir como os pesquisadores do âmbito da ISKO-Brasil vêm relacionando a OC com a CI.

Os números iniciais que compuseram o corpus da análise já fornecem informações importantes sobre o perfil das publicações analisadas: apenas cerca de 30% dos textos aqui investigados se propuseram, em algum momento, a delinear um entendimento a respeito da natureza da OC e/ou sua relação com a CI. Esse percentual, dentre outras deduções, permite inferir que a sedimentação dos aspectos epistemológicos da OC, nesta comunidade acadêmica, encontra-se em fase de desenvolvimento. Muito provavelmente isso se deva ao ainda curto trajeto percorrido enquanto comunidade autônoma, separada do GT2 da ANCIB, onde o imperativo de que a OC se tratava de um tema específico da CI, era quase um consenso, não se configurando, provavelmente, como um aspecto a ser debatido.

Quadro 1 - Apresentação dos resultados da análise

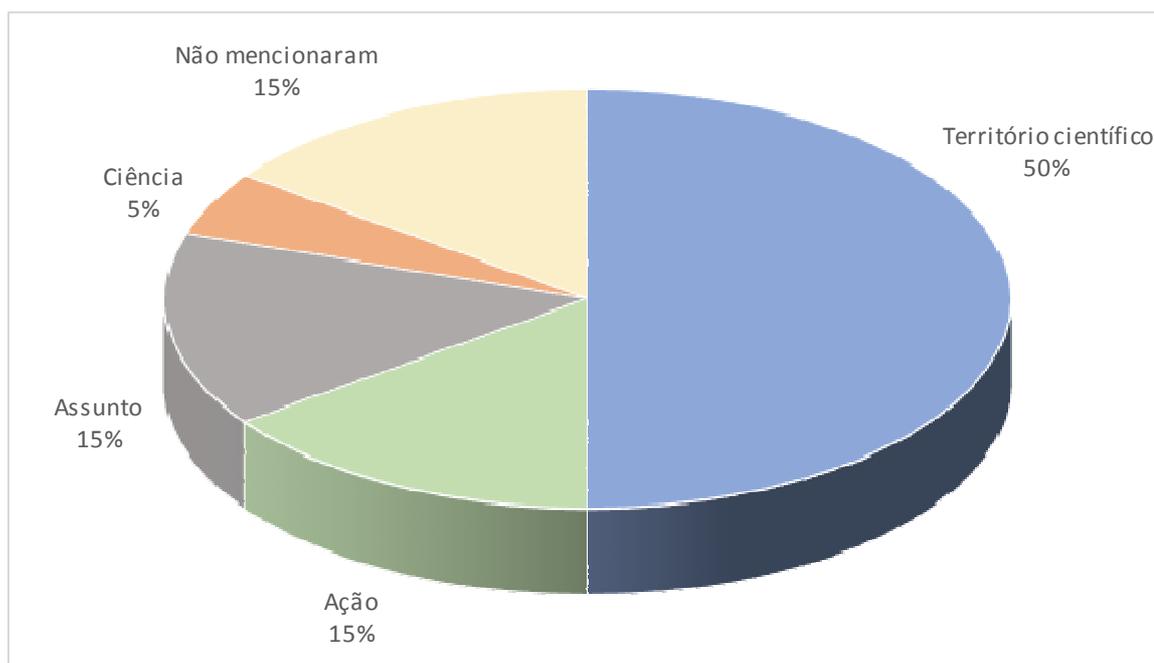
Categorias de análise	Variáveis de inferência	Autores (datas)
Natureza da OC	Território científico: (campo; disciplina; espaço investigativo; área de estudo; domínio)	Guimarães & Dodebei (2011) Alves, Gracio & Oliveira (2011) Abdalla & Kobashi (2011) Mota & Silva (2011) Dodebei (2011) Miranda et al. (2011) Café (2011) Lima & Maculan (2011) Oliveira & Alves (2013) Guimarães (2013)
	Ação: (processo; conjunto de práticas; atividade)	Oliveira, Santos & Oliveira (2011) Baptista (2013) Varela & Barbosa (2013)
	Assunto: (linha de pesquisa; tema; objeto de estudo)	Lara (2011) Bufrem, Silveira & Nascimento (2013) Baptista (2013)
	Ciência: (nova ciência)	Andrade et al. (2011)
Relação entre OC e CI	A OC como um território científico autônomo sem relação com a CI. (perspectiva 1)	Andrade et al. (2011)

	<p>A OC como um território científico autônomo que se relaciona com a CI. (perspectiva 2)</p>	<p>Guimarães & Dodebei (2011) Dodebei (2011) Abdalla & Kobashi (2011) Lima & Maculan (2011) Oliveira & Alves (2013) Guimarães (2013) Fujita (2013)</p>
	<p>A OC como tema próprio da CI, ou seja, a OC como uma subárea da CI. (perspectiva 3)</p>	<p>Lara (2011) Café (2011) Bräscher (2011 e 2013) Bufrem, Silveira & Nascimento (2013)</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

Embora seja claro o fato de que discutir a natureza da OC, ou sua relação com a CI, não é necessariamente o propósito dos textos aqui analisados, ainda que de maneira preliminar, algumas interpretações a partir do Quadro 1 podem propiciar fortes indícios de como os pesquisadores brasileiros vêm relacionando ambas as áreas, afinal, a análise realizada permite constatar: a) como os autores estão predominantemente abordando a OC quanto a sua natureza e, b) onde os mesmos localizam a CI neste contexto.

Gráfico 1 - Natureza da OC



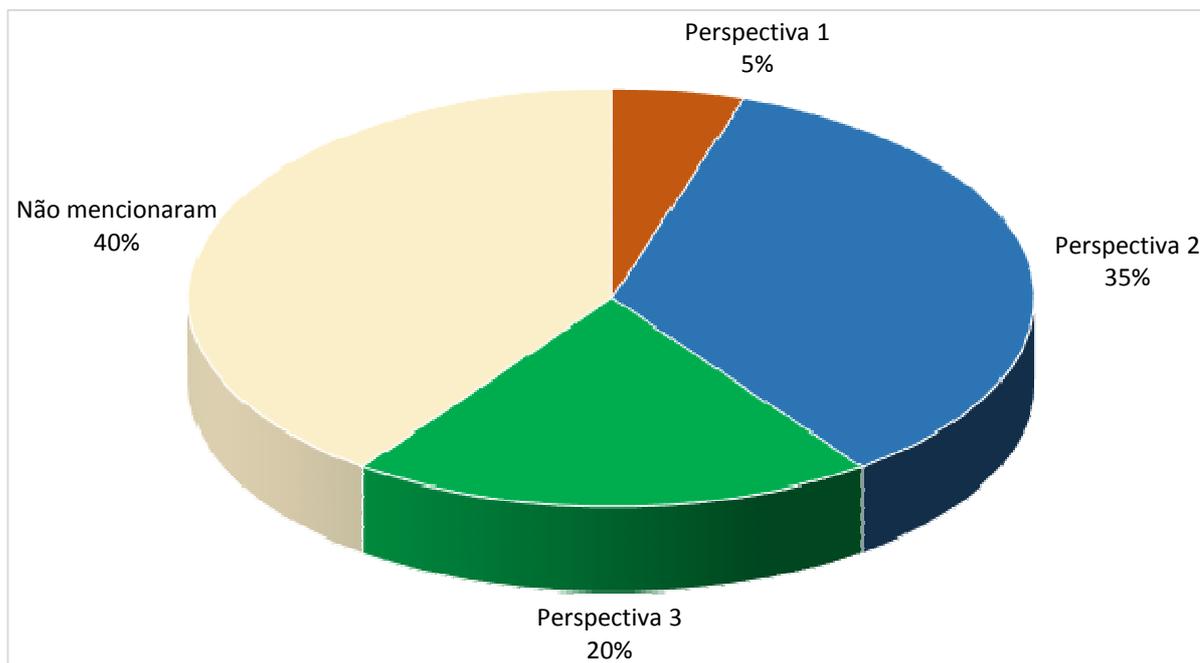
Fonte: Elaborado pelo autor.

Assim, a interpretação, possível por meio das variáveis de inferência, será aqui dividida e apresentada em dois momentos: um primeiro momento que diz respeito à categoria 1 – *Natureza da OC* e, um segundo momento que se refere à categoria 2 – *Relação entre OC e CI*.

Relativo à primeira categoria, é notório o fato de que a maioria dos textos, 50%, consideram que a OC é um território científico, seja ela um campo, uma disciplina, um domínio ou uma área de estudos. Isto evidencia que na realidade brasileira a OC vem alcançado contornos de espaço investigativo próprio, transbordando a concepção de uma dimensão procedimental que a considera como uma ação, 15%, e de uma dimensão temática, que a considera como um assunto 15%. Cabe destacar que a concepção alavancada por Dahlberg no cenário internacional, que especula a OC como uma nova ciência, não parece ainda ecoar significativamente no contexto da ISKO-Brasil, pois, tal concepção foi retratada em apenas 5% dos textos analisados. Afirma-se, portanto, que a maior parte da comunidade brasileira de OC, no que se refere à sua natureza, a considera um território científico autônomo.

No que diz respeito à relação entre a OC e a CI, ponto de observação principal deste estudo (contemplado na categoria 2), para melhor compreender os resultados obtidos, faz-se a vinculação das variáveis de inferência com as perspectivas teóricas já apresentadas neste trabalho, a saber: perspectiva 1 – OC como território autônomo que não se relaciona com a CI, defendida por Dahlberg; perspectiva 2 – OC como território autônomo que se relaciona com a CI, defendida por Hjørland, e; perspectiva 3 – OC como subárea da CI, pertencente à CI, como propagado pela ANCIB e pela tradição de tratamento temático da informação.

Gráfico 2 - Relação entre OC e CI



Fonte: Elaborado pelo autor

Observou-se que a maioria dos textos analisados, 35%, convergem com a perspectiva 2, entendendo que a OC é um espaço investigativo autônomo, mas que guarda forte interlocução com a CI. Logo em seguida, 20% dos pesquisadores, entendem que a OC é de fato um tema especializado ou uma subárea da CI, enquadrando-se na perspectiva 3. Somente 5% do corpus analisado converge com a perspectiva 1, de que a OC é um território autônomo que não se relaciona com a CI, ou, como prefere Dahlberg, que a OC é uma nova ciência. Vale destacar os percentuais dos textos que não fizeram menção alguma a respeito da natureza da OC (Gráfico 1) e da relação entre OC e CI (Gráfico 2). Enquanto 15% dos textos analisados não mencionaram informações a respeito da natureza da OC, 40% não o fizeram a respeito da relação entre OC e CI. Este dado revela como estudos desta natureza são cada vez mais necessários para uma melhor compreensão epistemológica da OC. Os gráficos 1 e 2 ilustram bem este cenário.

Com o exposto, o cenário que se descortina no âmbito da ISKO-Brasil é o de que os pesquisadores brasileiros, em sua maioria, entendem que a OC alcançou um status de território científico autônomo que está em constante diálogo com a Ciência da Informação. Em outras palavras, a OC, segundo esta comunidade científica, não se configura mais apenas como o tema pertencente à CI. O protagonismo da OC como subcampo da CI, como abordado

pela própria pesquisa brasileira na virada do século passado para o século XXI, no que se refere à sua condição científica, é dividido agora com a ideia de que a OC consiste em um novo território que, transbordando a perspectiva inicialmente desenvolvida no país, imprime seus próprios contornos epistemológicos e se revela como um espaço emergente.

Não buscando forjar uma relação direta com a perspectiva desenvolvida por Hjørland, mas, evidenciando suas convergências, é possível afirmar, provisoriamente, que a OC brasileira não dialoga com a concepção de Dahlberg, onde a OC é uma nova ciência independente da CI (pois a ligação com a CI é flagrante no pensamento dos pesquisadores brasileiros) e não mais se limita à égide da Ciência da Informação. Desse modo, não é descabido afirmar que a *perspectiva 2* (OC autônoma, mas com marcado vínculo com a CI) é a visão predominante no contexto da ISKO-Brasil.

6 CONCLUSÃO

O fato da Ciência da Informação ser, na virada do século XX para o XXI, a área responsável por abarcar e desenvolver as pesquisas atinentes à organização do conhecimento no Brasil não impediu que esta última transbordasse os limites daquela e criasse gradativamente seus próprios contornos. A institucionalização da OC por meio do Capítulo Brasileiro da ISKO, pode ter sido tanto a causa quanto a consequência desse transbordamento na comunidade científica brasileira.

Porém, como mostrou a pesquisa, esse novo delineamento, que galga em busca de sedimentação epistemológica e que já marca um novo espaço, não significa um descolamento definitivo da organização do conhecimento com relação à Ciência da Informação. Muito provavelmente, esse descolamento nem seja de interesse da comunidade científica brasileira, e nem precisa ser. O vínculo que a maioria dos pesquisadores brasileiros de organização do conhecimento têm com a Ciência da Informação, seja de ordem institucional, seja de ordem epistemológica, reflete um pensamento majoritário que prefere entender ambas as áreas como espaços de imprescindível diálogo e interseção, não cabendo mais aquela relação de pertencimento de outrora.

REFERÊNCIAS

ALBRECHTSEN, H. Software concepts: knowledge organization and the human interface. In: INTERNATIONAL ISKO CONFERENCE, 1., 1990. **Proceedings...** Frankfurt/Main, 1990. p. 48.

ANCIB. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2014. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

BARDIN, L. **L' analyse du contenu**. 7. ed. Paris: PUF, 2003.

- BARROS, T. H. B.; MORAES, J. B. E. Archival classification and knowledge organization: theoretical possibilities for the archival field. In: INTERNATIONAL ISKO CONFERENCE, 12., 2012, Mysore. **Proceedings...** Würzburg: Ergon, 2012. p. 272-276
- BLISS, H. E. **The organization of knowledge in libraries and the subject-approach to books.** New York: H. W. Wilson, 1933.
- _____. **The organization of knowledge and the system of the sciences.** New York: H. Holt, 1929.
- BRASCHER, M; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: LARA, M. L. G.; SMIT, J. (2010) (Orgs.). **Temas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil.** São Paulo: Escola de Comunicação e Artes/USP, 2010.
- DAHLBERG, I. Current trends in knowledge organization. In: Garcia Marco, F. J. (Org.). **Organización del conocimiento em sistemas de información y documentación.** Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 1995. p. 7-25.
- _____. Knowledge organization: a new science? **Knowl. Org.**, v. 33, n. 1. p. 11-19, 2006.
- _____. Knowledge organization: its scope and possibilities. **Knowl. Org.**, v. 20, n. 4. p. 211-222, 1993.
- ISKO-Brasil: International Society for Knowledge Organization. Disponível em: <<http://isko-brasil.org.br>>. Acessado em: 11. jun. 2014.
- FOSKETT, A. C. **A abordagem temática da informação.** Tradução de Antônio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono; Brasília: Ed.UnB, 1973.
- GARCIA, S. M. M.; OLIVEIRA; LUZ, G. M. S. Knowledge organization for query elaboration and support for technical response by the internet In: INTERNATIONAL ISKO CONFERENCE, 6., 2000. **Proceedings ...** Würzburg: Ergon, 2000. p.189.
- GÁRCIA GUTIÉRREZ, A. L. Knowledge organization from a culture of the border: towards a transcultural ethics of mediation. In: INTERNATIONAL ISKO CONFERENCE, 7. 2012. **Proceedings...** Würzburg: Ergon, 2012. p.518.
- GREEN, R. Conceptual universals in knowledge organization and representation In: INTERNATIONAL ISKO CONFERENCE, 21. 2002. **Proceedings...** Würzburg: Ergon, 2002. p.15
- KENT, R. E. The information flow foundation for conceptual knowledge organization In: INTERNATIONAL ISKO CONFERENCE, 6. 2002. **Proceedings...** Würzburg: Ergon, 2002. p. 111
- GUIMARAES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 1, p. 77-99, 2008.
- GUIMARÃES, J. A. C.; OLIVEIRA, E. T.; GRACIO, M. C. C. Theoretical referents in knowledge organization: a domain analysis of the knowledge organization journal. In: INTERNATIONAL ISKO CONFERENCE, 13., 2012. **Proceedings...** Mysore, India. Würzburg: Ergon, 2012. p. 31-38.
- HJORLAND, B. Fundamentals of knowledge organization. **Knowl. Org.**, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.
- _____. What is knowledge organization (KO)? **Knowl. Org.**, v. 35, n. 3/2, p. 86-111, 2008.
- MURGUIA, E. I.; SALES, R. Práticas discursivas: organização do conhecimento em Otlet, Bliss e ISKO. In: RIBEIRO, F.; CERVEIRA, M. E. (Orgs.). **Informação e/ou conhecimento: as duas faces de Jano.** Porto: Faculdade de Letras da Universidade de Porto – CE TAC, 2013. v. 1, p. 446-461.
- OHLY, H. P. Knowledge organization pro retrospective. In: INTERNATIONAL ISKO CONFERENCE, 10., 2008. **Proceedings...** Würzburg: Ergon, 2008. p. 210
- _____. Mission, programs, and challenges of knowledge organization. In: INTERNATIONAL ISKO CONFERENCE, 12., 2012. **Proceedings...** Mysore: Ergon, 2012. p. 15-23

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 42-62, jan./jun. 1996.

SMIRAGLIA, R. P. Perception, knowledge organization and noetic affective social tagging. In: PARADIGMS and conceptual systems in knowledge organization. Würzburg: Ergon, 2010. p. 64

SOUZA, R. R.; TUDHOPE, D.; ALMEIDA, M. B. The KOS spectra: a tentative faceted typology of knowledge organization systems. In: INTERNATIONAL ISKO CONFERENCE, 11., 2010. **Proceedings...** Würzburg: Ergon, 2010. p.122

ZHEREBCHEVSKY. Formalism in knowledge organization. In: INTERNATIONAL ISKO CONFERENCE, 11., 2010. **Proceedings...** Würzburg: Ergon, 2010. p. 98.